

CULTURA DIGITAL

**Heloisa Buarque
de Hollanda**



I I I

HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 1A. Graduação em Letras Clássicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestrado em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutorado em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-doutorado em Sociologia da Cultura na Columbia University. Professora Emérita de Teoria Crítica da Cultura da Escola de Comunicação e Coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, vinculado ao Programa de Pós-graduação Ciência da Literatura, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Como aproximamos os saberes das academias e os da cultura urbana, a partir da cultura, ciência e tecnologia?

Estou trabalhando nisso há mais de 10 anos! É tarefa difícil, mas, a meu ver, fundamental. Sinto a entrega da academia um pouco longe das camadas urbanas, especialmente daquelas mais pobres. Não me parece que a academia consiga efetivamente que o resultado de suas pesquisas chegue a essas populações, mas também vejo que a academia desconhece a intensidade da produção das culturas e dos conhecimentos vernaculares. Atraída por essa questão, criei um laboratório de tecnologias sociais, sustentado no conceito de ecologia dos saberes de Guattari e

Boaventura dos Santos e venho, desde então, testando metodologias de troca, assimilação e, sobretudo, de escuta forte entre professores e pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro e artistas e ativistas das favelas e periferias do Rio. Temos nos utilizados basicamente do fator cultura, mas usamos ainda pequenos cursos e eventos on-line. Do ponto de vista mais político, parece-me que o encontro presencial e territorial é uma variável bastante produtiva enquanto que a difusão de informação, conceitos e mesmo oficinas virtuais aceleram o processo. Com a pandemia, é que estamos trabalhando e testando no limite o valor afeto, enquanto instrumento de empatia e identificação entre diferenças sociais, étnicas e culturais.

2. Para onde vai a literatura? E a crítica literária, onde se coloca num universo estruturalmente participativo? Em sua análise, quais os futuros possíveis da literatura em um momento bem próximo de mais um corte paradigmático, permitido pelas novas mídias e pelo ambiente descentralizado?

Creio que a visibilidade da produção literária e, principalmente, o atual "surto" de poesia jovem deve-se bastante ao ambiente virtual. Lembro aqui o diagnóstico de Umberto Eco quando dizia que se o século XX foi o século da imagem, o XXI seria o da palavra. A comunicação a distância implica o uso da palavra prioritariamente, mesmo que essa palavra venha em formas abreviadas ou condensadas em emotions. Do ponto de vista de sua divulgação e popularização, é inegável o impacto da web. Do ponto de vista participativo, também podemos ver isso em vários níveis e nichos. No primeiro, é fato que a web se transformou num imenso laboratório da palavra. A publicação literária em blogs, por exemplo, serve para criar comunidades de fruidores em torno da leitura, comunidades de críticos e um território funcional de teste para a criação. A escrita em colaboração também surge como um gênero que vem sendo desenvolvido nas áreas criativas entre jovens e se intensificado entre comunidades científicas. Uma das práticas mais interessantes que se tornou comum na criação literária é a "pirataria criativa" na qual a apropriação de textos alheios para serem reeditados, colados ou invertidos foi de grande atração para criadores, especialmente nos tempos mais acalorados do

debate sobre códigos abertos X sistemas fechados. Até hoje essa é a prática dos DJs ainda que não publicados ou registrados autoralmente.

Isso também tem se constatado através dos fanfics, onde comunidades são formadas, – e definem suas regras internas de equilíbrio –, para a recriação ou desdobramento de obras clássicas da literatura. Esses são apenas pequenos icebergs das transformações relacionais profundas da escrita autoral.

3. Quais as possibilidades e perspectivas do letramento transmídia, da amplificação da expressão poética, da transformação do papel do autor e, principalmente, do leitor, do novo lugar da literatura impressa, bem como o ambiente da web, enquanto um laboratório experimental de uma nova literatura expandida?

Acho que já toquei na maior parte desses pontos anteriormente. Entretanto, a questão da literatura expandida ainda é uma questão em aberto para mim. Nesse quadro, temos uma literatura de códigos de procedimentos tecnológicos desenvolvidos para a criação que vai desde o recurso aos aplicativos de busca até imersão

sonora, realidade aumentada e outros. Essa poesia me parece ser um gênero literário em si e está em pleno vapor e crescimento. A narrativa que toma por base os games também teve seu momento de influência na produção de narrativas ficcionais. Em 2005, fiz uma experiência publicada sob o título POESIA. Trata-se de um projeto que teve como objetivo exatamente a expansão da expressividade poética a partir de recursos tecnológicos. Para tanto, não chamei os atores e autores da poesia eletrônica. Chamei os poetas que produziam apenas para a página impressa e os articulei com técnicos de programação. O resultado foi curioso, alguns mais interessantes do que outros, mas mostrou que há um claro limite conceitual entre a poesia impressa e a poesia eletrônica, esta última constituindo-se como um gênero claramente independente do campo literário.

- 4. Quais as perspectivas de mudanças paradigmáticas para as mulheres no campo intelectual e científico neste momento atual, no sentido de desenvolvimento de potenciais criativos para agentes da sociedade?**

As mudanças que vejo como fundamentais hoje para as mulheres no campo intelectual e científico são as diversas formas e caminhos para interpelações epistemológicas. A percepção do que chamamos atualmente de injustiças epistemológicas é um momento fundamental para que as mulheres possam produzir conhecimento a partir de suas próprias experiências sociais, o que certamente traria grandes novidades, objetos, teorias e metodologias para a comunidade científica. Um primeiro passo talvez fosse a interpelação da chamada "objetividade científica" e a prática insistente da "infiltração pragmática" em seus textos acadêmicos.

5. Na atualidade, de que forma analisa o acesso, o compartilhamento e a articulação na criação e produção de conhecimento?

Parece-me que, num momento, no qual o acesso à informação tornou-se corriqueiro, – promovendo o declínio do especialista como único detentor do saber sobre um tema/questão –, a criação desloca-se. Isso abre um enorme campo experimental e necessário para a produção de

conhecimento compartilhado, marca desse novo momento do conhecimento.

6. Quais estratégias a professora Heloísa aponta para a socialização da arte, enquanto grande comunicadora das racionalizações culturais e científicas, para se tornar acessível às imensas fatias sociais?

Sinceramente, não acredito muito em divulgação da arte para camadas populares. Minha experiência vem mostrando que a escuta forte é o único instrumento capaz de promover mudanças, inclusive na distribuição do conhecimento.

7. A poesia, com a criação em ambientes digitais, torna possível a ampliação sensorial do uso das palavras e sua consequente expansão visual e sonora. Essa riqueza de modos de expressão cultural, em sua concepção, em que medida atinge a expressão humana subjetiva?

Sem a menor sombra de dúvidas, não apenas amplia, mas sobretudo viabiliza e energiza a musculação de expressões subjetivas.

8. Por toda experiência vivida, o que Heloísa Buarque de Hollanda deixaria como reflexão para as novas gerações?

Cuidem do planeta, exerçam a empatia, disponham-se MESMO a ouvir o outro, e recriem a "ideologia" comunitária dos povos originários do "bem viver", que necessariamente bate de frente com o "viver melhor" neoliberal.

PS: depois que reli essa resposta me espantei com o conteúdo e com o tom dela. Talvez seja o impacto da Covid-19, talvez da urgência que meus 81 anos nela imprimiram.